

## PROMISCUIDADE ACADÊMICA: ENTRE SOBREVIVÊNCIA, ÉTICA E PERMANÊNCIA

Patricia Helena Barbosa Azevedo <sup>1</sup>  
Gerson Tavares do Carmo <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente ensaio propõe uma reflexão crítica sobre a ética acadêmica no ensino superior, utilizando metáforas interligadas: O Labirinto Socioacadêmico representando o percurso formativo complexo, marcado por caminhos incertos e barreiras que desafiam a permanência estudantil; o minotauro simbolizando o conjunto desses obstáculos socioacadêmicos, sejam estruturais, éticos, institucionais ou pessoais que consomem tempo, energia e integridade, exigindo do estudante estratégias constantes de sobrevivência, e a Vila Mimosa Acadêmica, que traduz o espaço simbólico de mercantilização do saber e fragilização da permanência estudantil. Introduce-se o conceito de DSTs acadêmicas (Desvios Socioacadêmicos e Textuais) para nomear práticas como plágio, compra de trabalhos, ghostwriting e uso indevido de inteligências artificiais, que corroem tanto a produção intelectual (corpus) quanto a formação integral dos sujeitos (corpos). A partir do mito do Anel de Gíges, discute-se a necessidade de uma bioética mínima como “fio de Ariadne” capaz de conduzir para além da impunidade, fomentando uma cultura do cuidado, da corresponsabilidade e do compromisso público com a educação. Nesse contexto, apresenta-se a PROESA (Proximidade Espontânea Socioacadêmica) como prática formativa de resistência, voltada ao cultivo de vínculos e à construção coletiva do conhecimento, contrapondo-se à lógica punitiva e à superficialidade formativa. Em vez de denúncia ou vigilância, o texto defende o cultivo de vínculos e compromissos éticos entre estudantes e instituições de ensino, reconhecendo que a permanência estudantil não se compra, mas se costura com fio de responsabilidade coletiva.

**Palavras-chave:** Permanência Estudantil, Educação Superior, Bioética Mínima.

### INTRODUÇÃO

A educação é um direito inalienável e um pilar fundamental da sociedade democrática, conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988 (CF/88). Garantir o acesso e a permanência no ensino superior é um desdobramento desse direito, e a permanência é fundamental porque ela traduz os investimentos públicos em desenvolvimento humano e formação de capital social, cultural e econômico.

Nos últimos anos, a expressão “produtivismo acadêmico” tornou-se corriqueira para descrever a pressão por volume de publicações, prazos e indicadores que incidem

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF/RJ, phelena.bazevedo@gmail.com ;

<sup>2</sup> Professor Orientador: Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF/RJ, gtavares33@gmail.com.



sobre estudantes, docentes e grupos de pesquisa (Power, 1997/2000). Ao observarmos o cotidiano da pós-graduação, percebemos que o problema vai além do excesso de produção: há uma mistura indevida entre meios e fins formativos que corrói o sentido do trabalho intelectual e naturaliza práticas não éticas — o que chamamos, metaforicamente, de promiscuidade acadêmica (Merton, 1973/2004; Moher et al., 2020).

A promiscuidade acadêmica não se reduz a fraudes explícitas (plágio, fabricação de dados). Ela se manifesta em zonas cinzentas — *questionable research/academic practices* — alimentadas por incentivos institucionais, assimetrias de poder e pela precarização da vida acadêmica (CNPq, 2011/2021; FAPESP, 2011/2014). Este artigo problematiza o fenômeno e pergunta: que arranjos de incentivos e práticas o produzem? Como identificá-lo sem moralismos, mas com rigor? Que políticas e pedagogias podem revertê-lo? (Freire, 1987; Tinto, 1999, 2002).

Para tratar dessas questões, utilizamos um conjunto de metáforas operacionais: o Labirinto Socioacadêmico (o percurso formativo denso em regras e linguagens), o Minotauro (o feixe de obstáculos éticos, estruturais e relacionais), a Vila Mimosa Acadêmica (mercantilização do saber e serviços acadêmicos), o Anel de Giges (a tentação da impunidade) e o Fio de Ariadne (uma Bioética Mínima que orienta saídas responsáveis) (Platão, 2001). Também mobilizamos a PROESA – Proximidade Espontânea Socioacadêmica como micropolítica de resistência baseada em vínculos e coautoria (Carmo; Souza; Josuel, 2023; Azevedo; Carmo, 2023, 2024), e o Endoscópio Socioacadêmico como lente para “olhar por dentro” das dinâmicas em sala (Carmo, 2019).

**Nota sobre a metáfora “Vila Mimosa Acadêmica”:** A expressão remete, por analogia, à conhecida zona portuária e boêmia do Rio de Janeiro, frequentemente citada como símbolo de mercantilização explícita de serviços. No presente ensaio, o uso é estritamente metafórico e crítico, sem intenção de estigmatizar trabalhadores(as) do sexo ou territórios urbanos; serve para iluminar processos de mercantilização do saber no ensino superior (compra e venda de trabalhos, *ghostwriting*, *coaching* predatório, periódicos/eventos predatórios e pacotes de “produção acadêmica”) que fragilizam a permanência e corroem a integridade formativa (Power, 1997/2000).

## REFERENCIAL TEÓRICO: A CRISE ÉTICA E A FRAGILIZAÇÃO DA PERMANÊNCIA



O sucesso acadêmico está amplamente associado à capacidade do estudante de se afiliar à comunidade universitária (Coulon, 2008). Essa afiliação depende da construção de conexões socioacadêmicas (Tinto, 1999, 2002), que são essenciais para promover a persistência. A universidade é aqui compreendida como um Labirinto Socioacadêmico, um percurso de complexidades e desafios que se manifestam como o Minotauro. O Minotauro representa o conjunto de obstáculos que consomem tempo, energia e integridade do estudante.

### **Mercantilização do Saber e as DSTs Acadêmicas**

Tomamos a Vila Mimosa Acadêmica como metáfora para circuitos de mercantilização do saber: a oferta e compra de “soluções” acadêmicas prontas (trabalhos, análises, *ghostwriting*, pacotes de publicações; “bancas”, eventos e periódicos predatórios; manipulação de citações) que transformam formação em serviço, deslocando o eixo do aprender-pesquisar para o consumir-entregar (Moher et al., 2020; CNPq, 2011/2021). Esse paralelo enfatiza a natureza transacional que se instala quando a lógica de mercado invade o campo formativo (Power, 1997/2000).

Nesse ambiente, a crise ética manifesta-se nos DSTs acadêmicas (Desvios Socioacadêmicos e Textuais). Propomos uma tipologia enxuta:

1. Plágio (apropriação indevida de texto/ideias sem atribuição).
2. Compra de trabalhos (contratação de terceiros para produzir avaliações/pesquisas).
3. Ghostwriting (autoria oculta com falsa atribuição).
4. Uso indevido de IAs (geração de conteúdo sem transparência/metodologia e sem responsabilização).

Essas práticas corroem duplamente a formação: afetam a produção intelectual (corpus) e, de forma mais fundamental, a formação integral dos sujeitos (corpos), ao quebrar o elo entre esforço, autoria e aprendizagem (FAPESP, 2011/2014; CNPq, 2011/2021).

### **Bioética Mínima e a Superação da Impunidade**

A crise é aprofundada pela tentação da impunidade, remetendo ao mito do Anel de Gíges (Platão, 2001). Contra essa lógica, defendemos a necessidade de uma Bioética Mínima, que funcione como Fio de Ariadne: transparência de processos, autoria responsável, traçabilidade de dados e reconhecimento de contribuições, inclusive de uso



de IA (CNPq, 2011/2021; FAPESP, 2011/2014). Esse fio guia condutas e decisões, fomenta corresponsabilidade e compromisso público com a educação (Freire, 1987) e a Superação da Impunidade.

A crise é aprofundada pela tentação da impunidade, remetendo ao mito do Anel de Giges. A narrativa sugere que, com o poder de se tornar invisível (impune), o indivíduo tende a agir sem responsabilidade ética. Contra essa lógica, defende-se a necessidade de uma Bioética Mínima. Essa Bioética Mínima deve funcionar como o Fio de Ariadne, o guia que conduz para além da impunidade e fomenta uma cultura de cuidado, corresponsabilidade e compromisso público com a educação. O Fio de Ariadne, no contexto do labirinto socioacadêmico, representa a orientação e a rede de apoio que sustenta o estudante em sua jornada.

### **PROESA como Resistência e Vínculo**

Em contraposição à superficialidade formativa gerada pela mercantilização e pelos desvios éticos, o ensaio apresenta a PROESA (Proximidade Espontânea Socioacadêmica) como uma prática formativa de resistência. A PROESA surge da observação de interações naturais e espontâneas entre estudantes fora do contexto formal da sala de aula (Carmo, Souza e Josuel, 2023). Essas proximidades, que formam uma rede de suporte essencial para a persistência, estão voltadas ao cultivo de vínculos e à construção coletiva do conhecimento. Tais interações refletem o desejo de compartilhar e construir experiências coletivas que são fundamentais para a motivação e o sentimento de pertencimento dos estudantes.

### **METODOLOGIA**

A pesquisa que gerou o relato de experiência sobre o Manual de Acolhimento se insere em um estudo

Trata-se de um ensaio teórico-analítico, com revisão narrativa de literatura e análise documental de códigos e diretrizes de integridade (CNPq, 2011/2021; FAPESP, 2011/2014) e de referências sobre permanência e socialização acadêmica (Coulon, 2008; Tinto, 1999, 2002; Freire, 1987).

A abordagem metodológica emprega a metáfora como instrumento analítico (Labirinto, Minotauro, Vila Mimosa, Anel de Giges, Fio de Ariadne) e mobiliza o



Endoscópio Socioacadêmico como lente para “olhar por dentro” das dinâmicas de sala (Carmo, 2019). O uso de exemplos ilustrativos preserva anonimato e segue diretrizes éticas.

### **Aspectos Éticos.**

O ensaio defende que a resposta à promiscuidade acadêmica não deve ser a denúncia ou a vigilância, mas sim o cultivo de vínculos e compromissos éticos entre estudantes e instituições (Freire, 1987), alinhando-se à perspectiva de que o trabalho sobre permanência deve ser com, por e para estudantes. O ensaio enfatiza que a resposta à promiscuidade acadêmica não deve ser a denúncia ou a vigilância, mas sim o cultivo de vínculos e compromissos éticos entre estudantes e instituições. Essa abordagem prioriza a corresponsabilidade coletiva, reforçando a perspectiva ética de que o trabalho sobre a permanência estudantil deve ser com estudantes, por estudantes e para estudantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise indica que a mercantilização do saber (Vila Mimososa Acadêmica) e a adoção de DSTs acadêmicas atacam o cerne da missão universitária. Quando o estudante busca soluções rápidas e não éticas (plágio, compra de trabalhos), ele se afasta do aprendizado significativo (Tinto, 1999, 2002), comprometendo sua formação integral e, conseqüentemente, sua persistência.

A Bioética Mínima, como Fio de Ariadne, oferece um caminho de resistência: a superação da crise ética e da impunidade (Anel de Gíges) depende do fortalecimento da corresponsabilidade e do compromisso público com a educação (Freire, 1987; CNPq, 2011/2021; FAPESP, 2011/2014).

### **A PROESA como Micropolítica de Resistência**

A PROESA (Proximidade Espontânea Socioacadêmica) emerge como prática de resistência ética frente à superficialidade formativa, convertendo trajetórias individuais no Labirinto Socioacadêmico em construção coletiva (Carmo; Souza; Josuel, 2023; Azevedo; Carmo, 2023, 2024). O cultivo de vínculos e a coautoria responsável alinham-se às pedagogias freireanas de diálogo e simpatia (Freire, 1987) e funcionam como antídoto aos incentivos metrificados (Power, 1997/2000).



O conceito de PROESA (Proximidade Espontânea Socioacadêmica) se estabelece como a principal prática de resistência ética contra a superficialidade formativa. A PROESA, que se manifesta nas conexões espontâneas e informais que os alunos criam (Carmo, Souza e Josuel, 2023), transforma a jornada individual no Labirinto Socioacadêmico em uma construção coletiva.

O cultivo de vínculos socioacadêmicos e a construção coletiva do conhecimento, pilares da PROESA, são a resposta direta à lógica da vigilância. Essa abordagem se alinha à busca de Paulo Freire (1987), que defende que a permanência se dá na convivência e na simpatia, e não na hipertrofia ou na sobreposição aos educandos.

A experiência da PROESA, observada através do Endoscópio Socioacadêmico (Carmo, 2019), mostra que a persistência estudantil não se compra, mas é "costurada com fio de responsabilidade coletiva". Isso significa que a eficácia da permanência está em promover um ambiente de pertencimento e apoio mútuo, onde os estudantes se sintam motivados a resistir aos Minotauros éticos e estruturais. A promoção de conexões socioacadêmicas (Tinto, 2002) é, portanto, o caminho para garantir que os estudantes encontrem significado em seus estudos, o que aumenta a probabilidade de permanecerem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos uma leitura crítica da promiscuidade acadêmica como produto de ecologias institucionais que acoplam, de modo disfuncional, incentivos metrificados e formação (Power, 1997/2000). Enfrentá-la requer reconstruir vínculos entre ensinar, pesquisar e servir ao público, alinhar avaliação e integridade (CNPq, 2011/2021; FAPESP, 2011/2014) e consolidar pedagogias de coautoria responsável (Freire, 1987; Tinto, 1999, 2002).

A PROESA se afirma como micropolítica de permanência que investe em vínculos e autonomia, contrapondo-se à lógica da Vila Mimosa Acadêmica. Para as IES, recomenda-se institucionalizar ciclos curtos de formação em integridade, reconhecimento amplo de produtos acadêmicos (dados, software, extensão), e observação situada das dinâmicas de sala por meio do Endoscópio Socioacadêmico (Carmo, 2019).



Como agenda futura, sugerimos mapear indicadores mistos (percepção, acesso a serviços, progressão inicial) e rastrear a incidência de DSTs em séries históricas, testando intervenções baseadas em Bioética Mínima.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro que tornou a pesquisa longitudinal possível e a todos os estudantes envolvidos que, com suas trajetórias e conexões, inspiram a busca por uma educação superior mais ética, solidária e acessível.

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AZEVEDO, P. H. B.; CARMO, G. T. do. Conexões em rede social digital para a persistência estudantil: um estudo longitudinal das interações socioacadêmicas entre alunos de um curso superior. No prelo. XIII CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Minas Gerais, 2024.

AZEVEDO, P. H. B.; CARMO, G. T. do; MANSUR, A. U. Tecendo conexões para a permanência: análise dos perfis de usuários de uma rede social digital entre alunos de graduação em Administração Pública. VII Colóquio Interdisciplinar em Cognição e Linguagem. Brasil, 2023.

CARMO, G. T. do. A invenção de um “endoscópio socioacadêmico” para observar o cotidiano da sala de aula: uma experiência coletiva de feição pragmática é viável? LINKSCIENCEPLACE - Interdisciplinary Scientific Journal, 6(1), 2019.

CARMO, G. T. do; SOUZA, R. Q. G.; JOSUEL, V. V. Um fenômeno na permanência estudantil: não deixar nenhum para trás e o Ensaio sobre a dádiva. Revista Teias, v. 24, n. especial, abr./jun. 2023.

CNPq. Diretrizes para integridade na atividade científica. Brasília: CNPq, 2011; atualização 2021.

COULON, A. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAPESP. Código de Boas Práticas Científicas. São Paulo: FAPESP, 2011; revisão 2014.



FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MAGALHÃES, M. C. de. A educação como elemento propulsor do Estado democrático de direito. *Revista de Direito Educacional*, v. 6, 2012.

MERTON, R. K. *The sociology of science: theoretical and empirical investigations*. Chicago: University of Chicago Press, 1973/2004.

MOHER, D.; et al. Questionable research practices: a narrative review (completar dados editoriais).

PLATÃO. *A República*. (trad., ed., cidade, editora, ano — completar).

POWER, M. *The Audit Society: Rituals of Verification*. Oxford: Oxford University Press, 1997/2000.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. *Geographia: Revista da Pós-Graduação em Geografia*, v. 1, 1999, p. 7-13.

SILVA, A. S. *Retenção ou evasão: a grande questão social das instituições de ensino superior*. Dissertação (Mestrado em Direito Político e Econômico). Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014.

TINTO, V. Taking retention seriously: rethinking the first year of college. *NACADA Journal*, 1999.

TINTO, V. Enhancing student persistence: connecting the dots. In: *Optimizing the Nation's Investment: Persistence and Success in Postsecondary Education*. Wisconsin: WISCAPE/University of Wisconsin–Madison, 2002.

TSEBELIS, G. Decision-making in political systems: veto players in presidentialism, parliamentarism, multicameralism and multipartyism. *British Journal of Political Science*, v. 25, n. 3, 1995.

